



O grupo é gerenciado por Priscila Marietto, Leylane Bittencourt, Jacilene Cruz e Juliana Freitas

HC II ganha Área de Qualidade

A Área de Qualidade do HC II, localizada no sétimo andar, surgiu com o propósito de centralizar funções que antes eram realizadas por vários segmentos da unidade. Suas principais atribuições são assistir o Núcleo Interno de Segurança do Paciente e cuidar de questões relativas à Acreditação Hospitalar.

Quatro profissionais gerenciam a Área: administradora, farmacêutica, enfermeira e pesquisadora, com apoio de dois estagiários. Atualmente, os trabalhos estão centrados na auditoria de Acreditação Hospitalar que será realizada em abril pela Joint Commission International (JCI), responsável por conceder a certificação. "Nossa função é observar se as normas estabelecidas no Manual de Acreditação estão sendo cumpridas. Trata-se de um trabalho de rastreamento, em que reunimos evidências", explica Jacilene Cruz, administradora de Qualidade do HC II. Essas evidências, segundo Jacilene, envolvem, sobretudo, aspectos relacionados à segurança do paciente e do trabalhador.

O grupo conta, ainda, com a ajuda de 13 equipes, distribuídas em todas as áreas da unidade, incluindo médica, administrativa e de gestão. Cada uma trata de capítulos específicos do manual. "Somente quem trabalha de forma mais direta com o setor abordado pode nos oferecer a evidência necessária para mostrarmos que tudo está de acordo com o previsto para a certificação", observa a administradora.

Rumo à Acreditação

Todo esse empenho é para garantir que o HC II mantenha o selo de hospital acreditado, conquistado em 2008 e renovado pela primeira vez em 2011. A visita final da JCI está prevista para agosto. De acordo com Jacilene, o trabalho operacional para a manutenção do certificado começou em dezembro, com ações educacionais e a divulgação do processo para a força de trabalho.

A dor como objeto de estudo

Historicamente, profissionais de saúde, sobretudo enfermeiros, consideram quatro os sinais vitais de um paciente: temperatura, pulso, respiração e pressão arterial. Entretanto, estudos recentes incluem nesse rol a dor, que também precisa ser avaliada na abordagem ao enfermo. "De acordo com as normas de Acreditação Hospitalar, a dor deve ser mensurada como quinto sinal vital. Se esse sintoma for avaliado, maior será a propensão de um tratamento adequado", afirma Aquiene Pires da Costa, enfermeira do HC III, que fez uma pesquisa sobre o tema.

Segundo Aquiene, a abordagem da dor requer sensibilidade por parte dos profissionais. "Independentemente da clínica, o enfermeiro é o responsável pela implementação da terapêutica analgésica e pela avaliação dos resultados obtidos. Ele precisa saber filtrar todas as variáveis que influenciam no controle algíco [da dor] adequado, inclusive as culturais, como crenças, mitos e religiões", avalia.

Em sua pesquisa, Aquiene descreveu e caracterizou os estudos brasileiros que abordam a dor no contexto da Enfermagem Oncológica, por meio de uma revisão sistemática da literatura. De acordo com a enfermeira, embora a maioria dos estudos analisados aborde estratégias, ações e cuidados de Enfermagem, a principal barreira envolvida no controle adequado da dor ainda está relacionada ao desconhecimento, às atitudes e às crenças dos profissionais de saúde.

Aquiene investigou o assunto no curso de Especialização em Enfermagem Oncológica, concluído em janeiro, na Universidade Estácio de Sá. Sua monografia, intitulada *Dor no contexto da Enfermagem Oncológica: revisão das publicações brasileiras*, foi elaborada sob coorientação do enfermeiro do HC III Juliano dos Santos e aprovada com nota máxima. O trabalho será apresentado no Congresso Brasileiro de Cuidados Paliativos, em Salvador, em abril, e na Jornada de Enfermagem do HC IV, em agosto.



Aquiene e Juliano, coorientador do trabalho